

O REAL DA PAIXÃO

Marcus André Vieira



Referência:

VIEIRA, M. A. . O real da paixão. *Opção Lacaniana*, São Paulo, v. 31, p. 42-47, 2001.

É dura a vida do analista em nossos dias. Além de ouvir os eternos anúncios do fim da psicanálise ele tem que se haver, mais recentemente, com uma dificuldade suplementar. À precariedade estrutural do saber psicanalítico teria se aliado uma reviravolta no real contemporâneo que faz com que a angústia do analista tenha um caráter quase que permanente: “E se desta vez for o caso?”; “E se realmente os tempos são outros e o inconsciente virou peça de museu?” A esta angústia respondem colocações que sugerem, apesar de todas as denegações, uma certa fossilização da obra freudiana e até mesmo de um primeiro momento do ensino de Lacan. Ambos seriam praticamente inaptos a tratar dos sintomas da pós-modernidade. Afinal, neste novo mundo em que impera apenas o gozo desenfreado, “fora do significante”, sem Outro, o analista teria que ter a agilidade de uma aranha cibernética na internet, e o golpe preciso que só a intimidade com as novas formas de gozo garante - um misto de *hacker* com *Schwartzeneger*.

Precisamos conferir rigor a nossas falas sob pena delas tornarem-se um contrasenso. A psicanálise funda-se na idéia de que “isso pensa”, de o mundo humano é o mundo do significante, tanto em suas figuras de saber quanto nas de gozo. Lacan não cansou de proscrever a idéia de um gozo animal, primitivo, essencialmente exterior ao significante. Podemos eventualmente consentir com uma apresentação do real em posição de exterioridade com relação ao simbólico, mas não podemos admitir um real autônomo, independente deste último. Desta forma, pensar em um gozo fora do significante é mais uma imagem forte do que uma proposição integralmente psicanalítica. Como alguém está fora do Outro? Algum humano vive no real? Existe uma devastação inefável? Uma drogadição que descarta o mundo? Se aceitamos estas proposições sem pestanejar estamos nos condenando a assinalar os novos sintomas sem nada poder fazer, já que os definimos como inacessíveis à palavra. Ou pior, esquecendo que mesmo no ato do analista há uma aposta de saber passamos a tentar nos transportar para este real contemporâneo, de um ato desvinculado do significante, valorizando aquelas intervenções “por instinto” que nada mais são do que cegas atuações do sintoma do analista. Não podemos decretar uma independência do real, fora de laço, fora de nó. O real só existe no nó. É possível que haja um corte maior entre o mundo de Freud e o nosso, mas isto não implica que temos que nos exilar dele e queimar todos nossos navios.

Com tanto em jogo, só poderia escrever com um mínimo de consistência baseando-me no que tenho trabalhado sobre o afeto. Com efeito, fui chamado a

falar sobre a paixão a partir de meu livro, publicado este ano sob o título a *Ética da Paixão*. Aceitarei o guarda-pó do especialista apenas para poupar-me da demonstração de algumas premissas que serei obrigado a avançar aqui meio dogmaticamente, já que não teria tempo para desenvolvê-las. Acredito, porém, que a abordagem lacaniana do afeto pode contribuir para situar o que aflige o psicanalista atualmente. Vou apresentar então uma construção, esboçada na conclusão de meu livro, apenas uma interpretação entre outras, para com ela indicar como podemos ser afetados pelo real de nossos dias.¹

O campo afetivo

Partamos dos quatro termos centrais de Lacan, *Affect*, *Emotion*, *Sentiment* e *Passion*, considerando, sem demonstrá-lo, que com estes termos Lacan retoma e traduz precisamente as indicações e os termos freudianos que organizam este tema. O primeiro passo é evitar de pensá-los como se cada termo correspondesse a uma coisa, uma entidade. Eles não são entidades distintas, mas apenas pontos



cardeais, coordenadas de um campo constituído para dar conta do que se passa na clínica quanto ao fenômeno afetivo. Vamos então desenhar um triângulo em que cada vértice corresponde a um destes termos, deixando o afeto em posição êxtima, situando-se no campo delimitado pelas arestas deste triângulo, sem consistir em nenhuma delas.

Esta é a construção. Vamos examinar agora cada um de seus vértices, sem perder de vista que tratam-se de ângulos, pontos de vista do campo em questão.

Primeiramente a *emoção*. Postulemos que a emoção é o termo reservado para Lacan a tudo aquilo que situa o afeto no registro da agitação de um corpo concebido como anterior à estrutura e não secundário a ela. Sob esta rubrica vamos reservar tudo o que se propõe como pura expressão do animal no homem, seu lado orgânico, genético, tudo que se refere à herança da raça, o atávico e o ancestral, o arcaico, enfim, o Outro em seu aspecto imaginário de inimigo ou amigo mais íntimo, o outro do espelho, por vezes cara-metade, por vezes perseguidor. Aqui inserem-se os afetos de ódio e amor no que eles se situam no nível especular (evidentemente estamos definindo um sentido de emoção que não é o do uso comum, normalmente se utilizaria o termo "paixão" para designar estes estados de

fascinação e arrebatamento, lugar da captação imaginária; contudo, mesmo utilizando-a vez por outra neste sentido, Lacan reserva um outro lugar para a paixão, razão pela qual estamos autorizados a efetuar esta partilha que tem muito de artefato).

Sabemos que o afeto não pode ser situado unicamente neste registro. Ele depende da linguagem e nisto Lacan insiste desde sempre. Todo aquele que se dedica ao que se convencionou chamar "estudos culturais" está bem consciente disto. A expressão de dor varia entre os povos e, mais que isso, sem a linguagem ela é inconcebível. Por esta razão, no vértice do *sentimento* vamos localizar tudo aquilo que do afeto se articula em palavras, aquilo que vem nomear um indizível e que, justamente por ter sido colocado em palavras passa a doer como se fosse anterior à elas. Como diz Lacan, o afeto vem ao corpo e não provém dele. Os sentimentos o demonstram de maneira mais eloquente. Eles são tão variados quanto as palavras para descrevê-los ("sinto-me indisposto, sinto-me meio perdido e, mesmo, "sinto-me nojento" etc.). Aqui se institui uma visão relativista do afeto que nega a existência de essências afetivas ancestrais e acredita que existem apenas palavras, que causam efeitos afetivos. Se alguém nos diz "hoje estou me sentindo meio barro, meio tijolo", como negar a este sentimento uma existência concreta? Por outro lado, como não admitir que este sentimento é quase que indissociável da expressão utilizada para expressá-lo? Como vemos, se descartamos afetos brutos, dos quais os variados sentimentos seriam apenas modulações culturais específicas, tendemos a descartar o real do afeto e considerar que cada sentimento é apenas a subjetivação individual dos fatos de discurso, que "meio barro, meio tijolo" não é apenas um modo de descrever um estado, mas que isto é a própria essência desta experiência afetiva.

Finalmente a *paixão*. A paixão é, antes de mais nada, uma saída para a bipolaridade descrita acima. A partir da psicanálise, podemos considerar uma alternativa à estes dois modos de apreensão do fenômeno. Não é que o afeto-emoção e o afeto-sentimento sejam descartados, mas ocorre que ao cotejá-los com uma terceira modalidade afetiva saímos do impasse estabelecido pela dicotomia entre estes dois pólos. Colocar em evidência o papel da paixão, ao lado do sentimento e da emoção, teria sido, segundo Lacan, a contribuição propriamente freudiana para o tema do afeto. Por compreender esta revolução ele descarta toda a literatura sobre o afeto na psicanálise, que tinha basicamente optado por um lado ou por outro do abismo, ou ainda buscado um compromisso entre suas bordas. De fato, as seguintes alternativas sempre tinham atormentado os psicanalistas: o afeto seria um fenômeno de descarga (emoção) ou de investimento (sentimento)? Mais dependente e mais próximo da energia pulsional ou da representação? De uma energética ou de uma hermenêutica? A ser definido e tratado pelas *Naturwissenschaften*, nossas ciências biológicas de hoje, a genética ou a biologia, ou pelas *Geisteswissenschaften*, nossas ciências do sentido, a antropologia e a sociologia, por exemplo? Vê-se bem que ao deslocarmos a questão do afeto para este campo a própria especificidade da psicanálise está em jogo. Ela é uma nova hermenêutica?

Uma ciência humana? Ou uma ciência exata como queria Freud, oposta à psicologia, sociologia etc. e mais próxima das ciências *hard*?

O afeto é um nó

Ora, a psicanálise constitui uma saída a estas dicotomias. Não uma terceira via, mas um outro modo de agenciamento de suas coordenadas. A ênfase neste terceiro vértice do afeto, que reconfigura todo o campo, só se torna clara, porém, a partir da leitura lacaniana, pois Freud evita o termo *Leidenschaft*, tão caro à filosofia, talvez por considerá-lo perigosamente próximo das ciências do espírito. Lacan por sua vez prefere o risco de ser acusado de intelectualismo a cair nos abismos de uma energética fisicalista. Por isto vai buscar suas referências em Spinoza e Dante e insistir que se trata de uma articulação entre o psíquico e o somático, ou melhor, entre significante e gozo, que só é apreensível se nos referirmos à reflexão ética, que tradicionalmente conjuga pensamento e ação. Deslocar o debate de “representação e energia” para “pensamento e ação”, é o que o direito de cidadania dado neste campo à paixão torna possível.

Muito bem, mas dizer que o afeto é também paixão, o que isto significa? Evidentemente, se indiquei que a emoção apóia-se no imaginário e o sentimento no simbólico, é de se esperar que a paixão apóie-se no real. É preciso, entretanto, melhorar esta formulação. Entenderemos melhor o que é a paixão se melhor situarmos o lugar do real do afeto. Para isto é preciso insistir na idéia, a despeito do que parece indicar a figura acima, de que este triângulo é um nó. Se apenas fizéssemos cada vértice corresponder a um registro faríamos da paixão o real do afeto e estaríamos incorrendo no mesmo erro criticado no início, o de dar independência ao real, de pensá-lo como todo-poderoso e livre para nos atacar do exterior. Nunca é demais repetir, este triângulo não delinea o lugar de três essências distintas, mas sim situa três modos de entrelaçamento dos três registros, real simbólico e imaginário, no fenômeno afetivo. Cada vértice não existe sem os outros, ocorre apenas que de cada um deles irradiam-se apresentações distintas dos registros, distintas amarrações **RSI**.

Cada vértice em questão pode então ser tomado como um modo de apreensão do real. Desta forma, a emoção corresponde ao real do afeto do ponto de vista do imaginário e o sentimento do ponto de vista do simbólico. Isto, infelizmente, não nos permite avançar muito porque não podemos dizer que a paixão é o real do ponto de vista do real, não somente pelo seu conteúdo tautológico mas simplesmente porque não há ponto de vista real do real. Não podemos ter uma idéia do que seria o real a não ser com nossos modelos imaginários e não podemos nele instaurar cortes e distinções a não ser com nossas nomeações simbólicas. O real é, disforme e sem discontinuidades internas.

Em vez de entrarmos no desdobramento topológico da questão vamos utilizar a angústia do psicanalista de nossos dias como exemplo clínico para melhor entender as noções em jogo em nosso triângulo e poder efetuar o passo que nos resta. Admitindo que cada um dos ângulos em questão localiza uma

modalidade de reação afetiva ao real, podemos supor que nosso angustiado analista contemporâneo pode optar por cada um destes três caminhos (e suas combinações), para situar-se com relação ao real com o qual se defronta.²

O real do nó

Na *emoção* figuro o real como algo sólido, ancestral e opaco. O real aqui é como o real de uma parede. Ninguém pode negar que há real em uma parede, mas temos que admitir que nossa apreensão do real aqui se apóia, em grande parte no imaginário. Uma parede, um muro, é sempre mais forte ou mais fraca, um obstáculo que pode ser destruído, contornado ou impotentemente aceito. Aqui se funda a perspectiva histórica de um "mais forte que eu". O instrumento para tratá-lo é a catarse, do circo e do maracanã, da mágica vitória (ou derrota) de David sobre Golias. Ela é o ponto de apoio para a oscilação maníaco-depressiva que assinala a onipotência ou impotência imaginárias diante do muro em que o outro do espelho se constitui. O que é um emotivo senão aquele que se deixa levar, impotente, pela torrente apaixonada de suas reações ao outro? A descarga emotiva, seja ela de alegria ou de tristeza, assinala porém uma vitória ilusória sobre o real, que será sempre uma derrota do analista se ele pensar o real, do id por exemplo, apenas como um inimigo a ser conquistado pelo ego. Por essa razão as explosões emotivas em uma análise podem ser pontos de virada importantes, mas não são em si o objetivo essencial do tratamento.

Seguindo com nossa analogia com o novo real, dos novos sintomas, podemos imaginar um analista que os tome emotivamente. Neste caso, eles se apresentarão como o muro que o separa da Nova Psicanálise. Para perfurá-lo ou ultrapassá-lo, torna-se então imperativa a aquisição do último equipamento *high-tech*, ou do manual de instruções do mestre mais moderno.

Do ponto de vista do *sentimento*, por outro lado, o real é o silêncio, a morte, o intervalo entre as palavras. Não mais a parede, mas sim seu furo. Esta face do real, do "entre-dois" e da hiância já nos é mais próxima, mas ainda não abarca decisivamente a novidade freudiana. Afinal, existe algo de real nisto que se insinua entre o barro e o tijolo, mas o real não é apenas vazio. Tomado como nada ele engendra a necessidade obsessiva de não parar de pensar, pois senão podemos ser tragados pelo vazio e simplesmente desaparecer. O que é um sentimental senão um nostálgico deste nada que habita as palavras? Este sujeito cartesiano tomado pela força de alguma coisa que habita os confins do *logos*? O real do ponto de vista do sentimento é esta insistência silenciosa assinalada pelo *drang* da pulsão. A compulsão a falar que ele engendra nada mais é que o desencadeamento terapêutico da máquina da nomeação com seus efeitos apaziguadores de mestria. Examinando e descrevendo, objetivamente, acreditamos fazer o real falar, extraindo-lhe seus segredos (sempre parciais), mas estamos sempre descrevendo e examinando mais as impressões e sentimentos que nossas palavras *sobre o real* nos causam do que o real em si. Isto não impede que esta dimensão

predominantemente metonímica tenha produzido os mais belos e sentidos discursos sobre a paixão assim como uma boa parte da filosofia.

Se o real dos novos sintomas é apreendido no registro do sentimento estes serão enigmas silenciosos dos quais muito se dirá, valorizando-se novos significantes ou reciclando antigos. "Devastação", "anorexia essencial", "o Outro que não existe", virão nomear um sentimento difuso do analista: a impressão de que precisa eternizar-se na produção de saber senão desaparecerá. Aqui se funda a proliferação de discursos sobre a pós-modernidade - sociológicos, antropológicos e psicanalíticos entre outros -, que tendem a tomar o real sentimentalmente e a buscar, seja com seriedade e afinco seja atabalhoadamente, uma nova nomeação para fazê-lo ingressar no terreno do conhecido.

O traço que apaixona

E a paixão? Na emoção o real é figurado como um ser supremo, um significado fundamental que determina e justifica todos os outros. No sentimento, ele é o silêncio desagregador que nada diz, só dispersa os sentidos estabelecidos. Na paixão ele será o paradoxo de uma escrita que não é comunicação, uma mensagem fora do sentido. O modo mais imediato de apreendê-lo é através da imagem do escravo mensageiro que carregava, escrita a ferro e fogo, uma mensagem em seu couro cabeludo.³ Esta mensagem, ilegível para o sujeito, o faz, apesar dele, um Mensageiro. Ela o determina e o situa com relação ao Outro, o torna sujeito do significante e o insere no campo do sentido sem que ele seja capaz de saber o que diz, em que língua está escrita, nem mesmo com auxílio de um espelho. É preciso porém radicalizar o apólogo e entender que "mensageiro" aqui é sinônimo de "ser humano", pois é somente a partir desta marca indecifrável que o vivente, essa coisa disforme, terá acesso ao reino do significado e ganhará um corpo, exatamente porque carrega consigo uma marca, que, transformada em enigma, -φ, institui a dimensão da falta-a-ser e do desejo.⁴

Esta verdadeira escrita cega funda a possibilidade do sentido. Letra será o nome dado por Lacan a esta marca assemântica que só se insere no campo do significante (e da significação) em exclusão interna, como seu suporte material. A paixão entretanto, nos permite perceber o quanto ela deve à ação do Outro e o quanto ela toma o corpo como exigência de significação. Ao afirmar que o falasser está submetido à paixão do significante, Lacan afirma que ele está submetido à trágica contingência de uma letra que institui os rumos de uma existência. Vislumbres da letra são aqueles momentos em que um analisante reconstitui o traçado do Outro em seu corpo: um pai que estudava a enciclopédia com a filha tendo percorrido tudo o que as letras A, B e C compreendiam; uma mãe que repetia incessantemente como sua filha era sua "bonequinha Rapunzel" enquanto lhe trançava os cabelos; uma mãe que controlava o aparecimento de cada nova pinta no corpo do filho e a inscrevia em seu diário, um pai que exercitava seus conhecimentos de anatomia usando o filho como modelo, uma mãe que para alimentar sua filha prendia-lhe as mãos etc. Estas impressões do Outro têm sentido

para o pai ou a mãe em questão mas não para o filho. Desta forma, não é o sentido do que é feito, mas alguma coisa de real nesses "ditos agidos" que inscrevem-se como letra. O que seria este real dos ditos senão o gozo que eles proporcionaram ao Outro? Desta forma, boa parte do que chamamos cuidados maternos vão inscrever estas letras de gozo que mapeam o corpo e que, instituídas como questão, subtraem-lhe gozo. O gozo do Outro, formatado pelo significante e pelo sentido, se apresenta como traço que descompleta o vivente, impondo-lhe a possibilidade do sim/não, ausência/presença, binarismo fundamental que prepara o advento do significante. Em torno desta marca, que como diria Gilberto Gil é régua e compasso, o sujeito pode começar a escrever sua rota, que poderá ter uma variação infinita desde que dentro das coordenadas, baianas no caso, de sua letra.

A paixão de nossos dias

Retomando a imagem do escravo e identificando a mensagem ao significante, vemos como este produz efeitos distintos ao ser tomado por ângulos diversos. De fato, se definirmos a mensagem como esta caligrafia desconhecida que dá consistência ao corpo, percebemos que basta abordá-lo como consistência, um *significado* fundamental, para produzirmos a emoção. Se concebido como "desconhecido", vazio, etéreo, pura *diferença*, nomeação sem efeitos de gozo, teremos o sentimento. Finalmente se ele é abordado do ponto de seu real, *letra* que causa efeitos de sentido e, no mesmo golpe, de gozo, teremos a paixão.

Vamos concluir com a angústia de nossos dias. É possível tomar o real de nossos dias do ponto de vista da paixão, como imposição da letra dos tempos. Assim como a escrita do Outro em sua carne determina para cada analisante um modo de gozar, o estilo dos nossos tempos determina os possíveis e os impossíveis de gozo da cultura. Somos incitados pelo inconsciente a tomar o real de nossos tempos como se toma uma letra em análise. Eterna e mutável esta letra nos obriga a cada vez, assim como a cada paciente, a delinear a junção litorânea entre gozo e significante que ela institui para que possamos, dentro do campo de possíveis que ela instaura, reinventar seu texto. Essa nova junção só se revela na prática perseverante de um deciframento que não vise um saber, saber a mais, mas sim um saber gozado, gaio saber.

Há assim virtude e pecado na posição do analista no mundo de hoje. Pecador é o analista canalha ou ingênuo que toma o real unicamente como parede ou vazio. Virtuoso é o analista que faz de nossa humilde arte do deciframento novo saber para um sujeito, nem imperialista porque localizado e não generalizável, nem moribundo porque redivivo a cada paciente. Apenas um saber que garanta para um sujeito o lugar do inconsciente. Esta é a apaixonante criação de uma análise em que o analista nada inventa, nenhum passe de mágica, nem novo equipamento técnico, mas decifra a partir de sua própria cifra e com isso recria a partir do um a um, o real da língua. O inconsciente se fecha quando se toma a língua apenas pelos efeitos emotivos ou sentimentais que ela engendra. O inconsciente resta quando adquire o valor real da letra, quando se é capaz de

tomar a língua como real, exigência de trabalho, obrigação de deciframento que ao final se mostra apenas o desfiladeiro por onde se escreve um destino.

Marcus André Vieira, abril de
2001.

Resumo: Discute-se o tema do afeto segundo a teoria lacaniana cotejando-se emoção, sentimento e paixão. O autor considera que a paixão, fora do registro energético e vinculada a uma reflexão ética, é a contribuição essencial de Lacan à questão. Para ilustrar seu ponto de vista, utiliza a discussão atual sobre as formas contemporâneas do sintoma.

Palavras-chave: afeto, emoção, sentimento, paixão, Lacan, psicanálise.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the lacanian theory of affect put together with some reflexions about the concept of passion. The author stresses that observing de affect's field through the glasses of the passion is the essencial contribution of Lacan to this issue. To illustrate his point of view, he bring into discussion the so called contemporary forms of the symptom.

Key-wors: affect, emotion, feelings, passion, Lacan, psychoanalysis.

¹ Remeto assim o leitor a meu livro no que concerne a fundamentação no ensino de Lacan do que será avançado aqui (cf. VIEIRA, M. A., *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001).

² Com isto posto podemos postular o seguinte axioma: o afeto é sempre uma reação, mais ou menos terapêutica, ao real. À irrupção do real, assinalada pela angústia, responde uma reação afetiva que visa a rearrumar a casa. Por esta razão o afeto de base é a angústia, ponto limite de encontro com o real. Pela mesma razão, os afetos são sempre uma transformação da angústia, justamente denominada por Freud “moeda universal dos afetos” (cf. FREUD, S. *Introduction à la psychanalyse*, Paris, Pyot, 1963, p. 381 ou Standart Edition vol. XVI, p. 403).

³ “Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia” (LACAN, J. “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, *Escritos*, JZE, 1998, p. 818).

⁴ Vários nomes teve, para Lacan, este impossível contingente que funda o leque dos possíveis, cada um deles em contextos clínicos distintos - Traço unário, Nome-do-pai, S1, Letra - mas é com a Letra que a materialidade desta marca, sua vertente real, é mais evidente.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Resposta ao "Che Vuoi?" sobre a formação do analista em 2001
Jacques-Alain Miller

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Brasil: Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000 São Paulo SP Fax: (511) 3826 9731

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional

Editada por Edições Eolia

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise

Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause Freudienne

FUNDADORES Antonio Benetti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidgal

DIRETOR Jacques-Alain Miller

REDAÇÃO Angelina Harari

ASSISTENTES DA REDAÇÃO Patrícia Badari e Regina Puglia

COLABORAÇÃO Adelaide Martins, Cyrothia Nunes de Freitas, Eliana Machado Figueiredo, Mônica Bueno de Camargo,

Marcus André Vieira (Clássicos), Elisa Alvarenga e Leda Guimarães (Testemunhos clínicos)

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA Produtores Associados (São Paulo)

Os colegas que desejarem receber Opção Lacaniana por correio ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à Redação.

Capa: Renata Pedrosa (1999)

"De um para outro e de outro para um"

Setembro 2001

31

OPÇÃO LACANIANA

REVISTA BRASILEIRA INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE

31

EDITORIAIS

- 3 Miquel Bassols, Três anos da EEP
3 Marcus André Vieira, Os Institutos no Brasil

ORIENTAÇÃO LACANIANA

- 6 Jacques-Alain Miller, Resposta ao "Che vuoi?" sobre a formação do analista em 2001

SEMINÁRIO SÃO PAULO

- 10 Éric Laurent, Seminário

TESTEMUNHOS CLÍNICOS

- 26 Elisa Alvarenga, Um amor fora dos limites da lei
32 Leda Guimarães, De uma Escola parceiro-sintoma a um amor mais digno
36 Nora Gonçalves, A causa na transmissão do passe

O REAL

- 38 Marcelo Veras, Mais forte que eu... o despertar
42 Marcus André Vieira, O real da paixão
47 Jesús Santiago, Mais forte que eu: novas formas de satisfação do sintoma

A LETRA

- 52 • Maria Josefina Sota Fuentes, O exílio dá mulher
56 Márcia Rosa, "Essas coisas absolutamente heteróclitas"
60 Marcela Antelo, Kryptonita, teu nome é mulher
64 Ana Lúcia Lutterbach-Holck, Mais forte que eu: "Todo sobre mi madre"